

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

- UNIDADE I - TEMAS DE GEOGRAFIA ECONÔMICA
UNIDADE II - O ESPAÇO GEOGRÁFICO
UNIDADE III - O ESPAÇO ECONÔMICO
UNIDADE IV - REGIÃO GEOGRÁFICA
UNIDADE V - REGIÃO ECONÔMICA
UNIDADE VI - A TEORIA DA LOCALIZAÇÃO
UNIDADE VII - TEORIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Disciplina: Geografia Econômica Geral e do Brasil

Professor: Armando Corrêa da Silva

Curso: ECONOMIA

Disciplina: GEOGRAFIA ECONÔMICA GERAL E DO BRASIL

UNIDADE I : Temas de Geografia Econômica

a) Geografia dos Recursos

Autor: DIRCEU LINO DE MATTOS

Obra: As Bases Geográficas da Vida Econômica, Ed. do Autor, mimeo grafada, 2 tomos, S. Paulo, 1970.

pg.1 - tecnologia e condicionamento do meio geográfico.

Ex: disparidades entre o Leste e o Oeste dos Estados Unidos; disparidades entre o Sudeste e o Norte do Brasil

Como explicar?

Posição do autor : 'Se é falso atribuir, em função exclusiva das condições naturais, os desnivelamentos em que se encontram os diferentes povos da terra, falso também subestimar inteiramente o papel que essas condições podem desempenhar sobre as atividades econômicas do homem' (pg.1, 3º parág.)

Premissa não explícita: Sendo o trabalho um estudo de Geografia dos Recursos - principalmente naturais - o autor está considerando que os recursos estão desigualmente distribuídos no Globo.

Comentário: Uma das causas das disparidades é a desigual distribuição dos recursos, principalmente naturais.

pg.2 - O estudo do espaço geográfico

Ex: botânica, zoologia, geologia, sociologia.

Qual o ponto de vista geográfico?

Posição do autor: 'Cada uma dessas ciências, entretanto, preocupa-se com um fato específico, sem se importar com as interrelações ou combinações locais que entre si realizam os elementos de uma dada paisagem geográfica' (pg.2, 2º parág.)

A Geografia é a 'ciência que estuda a repartição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos na superfície terrestre, as causas dessa repartição e as relações locais desses fenômenos'. Emm. de Martonne. (pg.2, 3º parág.).

Comentário : A Geografia preocupa-se com repartição, combinações, relações. Os fenômenos físicos são o clima, os rios, os mares, os oceanos, o relêvo; os fenômenos biológicos são as associações vegetais e animais; os fenômenos humanos são os fatos da cultura e civilização expressos na paisagem: casas, estradas, cultivos, pag tagens, aldeias, cidades, etc.

A geografia não estuda fenômenos isolados; seu ponto de partida é o estudo da paisagem considerando que esta é o resultado de combi nações ou relações.

pg.3 - Os princípios metodológicos:

correlação - 'os fatos da realidade geográfica estão estreitamente ligados entre si e devem ser estudados em suas múltiplas conexões ou correlações'.

extensão - 'os fatos da realidade geográfica devem ser considerados em sua extensão espacial e não em sua simples existência como fato isolado num ponto da superfície terrestre'.

repartição: 'para que a paisagem (...) possa ser considerada um fato geográfico, é preciso que paisagens semelhantes ocorram em outras regiões com características mais ou menos idênticas'. (pg.3 3.º parág.)

dinamismo: - 'Os fatos geográficos estão em contínua transformação e não podem, por isso, ser estudados como coisas estáticas'. (pg.4).

Comentário: No atual período geológico (o Quaternário) a paisagem natural apresenta poucas modificações estruturais; as mudanças - são apenas superficiais. As principais modificações ocorrem na paisagem cultural e respondem pela reavaliação do meio natural.

pg.4/5 - A nova concepção da geografia

Segunda metade do século XIX: Humboldt, Darwin, Ritter, Ratzel. Em Ratzel 'o homem aparece, pela primeira vez e com destaque, como um dos elementos do meio geográfico'. (pg.4, 2.º parág.).

Polêmica Ratzel x Vidal de La Blache:

determinismo: 'o homem produto do meio'; (Ratzel)

possibilismo: 'o meio oferece possibilidades, cabendo ao homem a iniciativa de optar por esta ou por aquela'; (Vidal de La Blache) (pg.5).

Posição do autor : 'Não podemos, sem fugir da realidade que nos cerca, negar inteiramente o determinismo'. (...) 'De outro lado, as possibilidades oferecidas por um meio geográfico não são ilimitadas'. (pg.5, 1.º parág.)

Comentário: O autor não faz comentário sobre o contexto histórico em que ocorreu a polêmica, ou seja, as condições da Alemanha e da França na época.

pg.5/6 - Objeto do trabalho: 'Nosso assunto é o do papel que os diferentes elementos do meio geográfico podem exercer como fatores condicionantes das atividades e do desenvolvimento econômico dos diferentes grupos humanos'. (pg.5, 2.º parág.).

Comentário : Meio geográfico é considerado principalmente o meio natural. O tratamento geográfico a partir da noção de fator leva, em econometria e geografia quantitativa (criação de modelos geográficos-estatísticos) à análise fatorial. O autor trabalha principalmente com a noção de condicionamento.

pg.6 - Geoeconomia: 'A geoeconomia estuda o problema das interações entre o meio geográfico e as atividades econômicas do homem'. (pg. 6, 3.º parág.). 'É um dos mais recentes ramos da ciência geográfica'. (pg.7).

Surgiu como 'geografia comercial'.

A geoeconomia 'se preocupa com a descrição e explicação dos fatos que dizem respeito à ocupação e utilização econômica das diferentes regiões da terra'. (pg.7).

Comentário: Estuda o problema das interações - seria então uma ciência interdisciplinar entre a Geografia e a Economia; estuda ocupação (povoamento e colonização) e utilização (organização do espaço) das regiões, mas do ângulo dos recursos.

pg.7/8 - Fundamentos da Geoeconomia:

Necessidades primárias: alimento, vestuário, abrigo.

Necessidades derivadas: padrões diversos de atendimento das necessidades primárias.

Posição do autor: 'Os regimes alimentares, os tipos de vestuário e as condições e tipos de habitações variam de uma região a outra, não somente em função das condições culturais e econômicas mas, também, em função da necessidade de adaptação às condições de um determinado meio geográfico'. (pg.8, 3º.parág).

Comentário: Por meio geográfico - embora o autor fale dos fatos - de cultura e civilização - entende-se o meio natural e seus elementos tratados como fatores: climático, edáfico, fisiográfico, geológico, hidrográfico, biótico, espacial, humano.

pg.9/10 - (continuação)

A noção de 'necessidade cultural': ler jornais e revistas, ouvir música, possuir automóvel ou televisão.

Posição do autor: 'Quanto mais complexos e diversificados os elementos que dão origem às necessidades culturais, mais intensa será a luta do homem para obtê-los'. (pg. 9, 4º parág. e pg. 10). ↳ bord. ecológica

Comentário: Há a valorização da atividade, que surge a partir das necessidades humanas sob a forma de luta pela sobrevivência. Essa luta é vencida pelos mais aptos. A capacidade de lutar é influenciada pelo clima. O autor argumenta com o fato de que certas civilizações consideradas mais avançadas surgiram em meios extra-tropicais.

pg. 10/11 -(continuação)

O atendimento das necessidades depende direta ou indiretamente - dos recursos. (pg. 10, 2º parág.)

Posição do autor: Recurso é 'tudo aquilo que, tangível ou intangível, favorece ou dificulta o homem em suas atividades de produção e circulação. Nesse sentido, a noção de 'recursos' deve abranger, além dessas coisas substâncias (Nota: os produtos oriundos dos rei

nos animal, vegetal e mineral), diversos outros elementos do meio geográfico, tais como solo, os rios, o relêvo, o clima, as condições geológicas, etc'. (pg. 11, 1.º parág.)

Comentário: Por recursos tangíveis o autor refere-se aos citados acima. Os recursos intangíveis são saúde, educação, habilidade, conhecimento, ordem social, e política, capacidade de organização e administração, etc. (pg. 12, 1.º parág.). A noção de recursos é ampliada embora o autor não trate diretamente dos recursos intangíveis em seu trabalho.

b) Geografia da Produção e da Circulação

Autor: PIERRE GEORGE

Obra: Geografia Econômica, Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1973.

pg. 9 - Objeto: 'A Geografia Econômica tem por objeto o estudo das formas de produção, assim como o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial. É essencialmente uma ciência humana ou, mais precisamente, uma ciência social, no sentido de que os processos de produção, de transporte e de consumo dos produtos resultam de iniciativas humanas, as quais devem suas características e sua eficiência às formas de organização provenientes do passado próprio a cada grupo humano'. (pg. 9, 1.º parág.). ^{2 grupos} ^{2 outros} ^{1 grupo}

Comentário: Por formas de produção o autor entende os sistemas econômicos e os tipos de economia. A localização é tratada como relação com mercados de consumo. Por iniciativas humanas refere-se a grupos humanos.

Embora fale de consumo o autor não trata individualmente e especificamente do tema. (Possui trabalho de Geografia do Consumo). É, por isso, mais uma Geografia de Produção e da Circulação.

pg. 9 - gênese dos fenômenos e processos que estuda a Geografia Econômica

Os fenômenos e processos são os decorrentes dos seguintes dados históricos:

'evolução milenar dos métodos de cultura e de fabrico;

'a utilização de sucessivas e contínuas descobertas científicas - sob certas condições históricas;

'a projeção, sobre a superfície do Globo, dos diferentes meios de produção e troca, dos diversos modos de consumo e de utilização, de acordo com a evolução dos vários sistemas políticos, econômicos e sociais e conforme o concomitante aperfeiçoamento das técnicas e a desigual extensão territorial de cada um desses sistemas'. (pg.9, 2.º parág.)

Comentário: o autor adota uma perspectiva de evolução valorizando a história ou, como diz, os dados históricos. A realidade geográfica resulta, segundo êle, de fenômenos e processos históricos.

pg.9 - fenômenos e processos: os fenômenos são a produção, a circulação e o consumo encarados sob sua forma; os processos são a distribuição, as combinações, as relações e a localização.

Comentário: A produção, a circulação e o consumo são estudados em sua forma como fenômenos. Os processos confundem-se com os princípios: correlação, extensão, repartição, dinamismo (Cf. Dirceu Lino de Matos).

O autor acrescenta a localização que é um tema importante da Geografia Econômica e é tratada de modo breve mas num item específico.

O autor valoriza bastante a tecnologia que Dirceu Lino de Mattos considera com reservas.

pg.11 - lógica do discurso: o autor faz a análise sucessiva de - 'todos os fatos que exercem uma influência sobre a repartição da produção, sobre a sua intensidade em cada região e sobre a distribuição do consumo relativamente à da produção'. (pg.11, 1.º parág.)

Contudo, o autor acha necessário classificar os dados de que resulta o seguinte:

condições de produção: fatos do meio físico ou adquiridos através de gerações passadas. São dados potenciais porque não geram espontaneamente a produção. As condições de produção possuem um valor

relativo. (pg.11, 2º parág.).

fatôres de produção - população, sistemas e técnicas de produção. (pg.12).

Comentário: O autor considera que as condições de produção (assunto estudado por Dirceu Lino de Mattos) têm um valor apenas relativo.

É que Dirceu Lino de Mattos defende um ponto de vista muito relacionado à existência de uma sociedade agrária. Pierre George raciocina do ponto de vista de uma sociedade industrial.

Enquanto Dirceu Lino de Mattos fala em fatôres condicionantes Pierre George fala de fatôres de produção. Ambos então raciocinam em termos de fatôres, o que conduz ao mesmo resultado já visto antes no que diz respeito ao tratamento matemático dos fenômenos geográficos e econômicos (análise fatorial).

Os dois autores aceitam a idéia de determinação, mas de ângulos diversos. De certo modo o determinismo natural é substituído por um determinismo de caráter quase sociológico.

c) Geografia do Desenvolvimento e do Subdesenvolvimento

Autor: R. HADDOCK LOBO

Obra: Geografia Econômica, Ed. Atlas, São Paulo, 1973

pg.21 - Objetivo: 'Encontra-se superada a concepção da Geografia Econômica como simples enunciado da distribuição das riquezas, fontes e tipos de produção por diferentes regiões. Semelhante ponto de vista, puramente descritivo e estático, vem sendo substituído pela preocupação de compreender as causas da situação econômica, em cada nação ou região, e também pelo interesse em prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento'. (pg.21, 1º parág.).

Comentário: O autor refere-se ao que denomina de 'situação econômica' cujas causas devem ser compreendidas. Em seguida refere-se às possibilidades de progresso e desenvolvimento. Seu objeto de estudo são então situações e possibilidades.

pg.25 - crítica ao 'determinismo geográfico': 'Muitos estudiosos, com efeito, teimam em exagerar a inelutabilidade das condições impostas pelo meio.' (pg.25, 2.º parág.) (o grifo é original).

crítica aos 'fatores fixos'

'regime pluvial;

relevo e o regime hidrográfico;

qualidade das terras;

clima, com seus determinantes de latitude, altitude e outros; existência, localização e condições das jazidas minerais (profundidade, concentração, facilidades de exploração e de acesso); a vida vegetal e animal'. (pg.26, 3.º parág). (grifo do original).

Posição do autor: 'Seria impossível negar a existência dessas condições de produção, mas é errado sobrestimá-las, como fazem esses geógrafos'. (pg.26, 4.º parág.). (o grifo é do original).

Comentário: O autor condena o exagero e a sobrestimação das condições do meio e dos 'fatores fixos'. Sua posição é a de valorizar a atividade.

pg.36 - dados da Geografia Econômica: 'Dentro do mesmo meio geográfico, a qualidade e quantidade da produção e o grau de riqueza das populações podem variar muito, dependendo as variações, em grande parte, de fatores históricos. Estes, em consequência, devem ser considerados importantíssimos, em qualquer estudo de geografia econômica! (pg.36, 1.º parág.)

Os dados da Geografia Econômica:

'condições do meio físico;

história das populações;

tipo de cultura que lhes determina a mentalidade e a capacidade de ação;

organização política e social;

relações dos habitantes com o mundo exterior, inclusive das influências e pressões que eventualmente venham a sofrer por parte de outras populações'. (pg.36, 2.º parág.)

Comentário: O autor ultrapassa os interesses restritos da Geografia Econômica, valorizando a História, a Sociologia e a Política.

Autor: ELIAN ALABI LICCI

Obra: Geografia Econômica (Geografia do Desenvolvimento Econômico Mundial e do Brasil), Ed. Saraiva, São Paulo, 1973

pg. 17 - Objeto: 'Esta parte da Geografia Geral tem por objeto o estudo das formas de produção, localização e consumo dos diferentes produtos do meio natural em que vivemos. É considerada, essencialmente, uma ciência humana, ou, mais claramente uma ciência social no sentido de que os processos de produção, transporte e troca, de transformação e consumo resultam da iniciativa humana, que por sua vez deve seus característicos e eficiência às formas de organização oriundos do passado de cada grupo humano'. (pg.17, 1º parág.). (o grifo é do original)

Comentário: O autor reproduz, um pouco modificada, a definição de Pierre George mas não cita a fonte.

pg.18 - objeto: '... a Geografia Econômica como a ciência da natureza e valor da área econômica'. (pg.18 3º parág.)

Por área econômica o autor entende unidades pequenas: aldeias, vilas, centros urbanos de compras, centros de tráfego e distritos residenciais; e unidades maiores: países, confederações, continentes e zonas climáticas ou a área econômica da Terra como um todo. (pgs. 17/18, 7º parág.)

Comentário: O autor trabalha com o conceito - não desenvolvido de área econômica, que é uma referência de caráter geométrico e abstrata. Não cita a referência teórica correspondente.

pg.18 - divisão da Geografia Econômica:

'1. Geografia da produção: compreende o estudo dos produtos necessários à alimentação e às matérias primas. 7 Simplistz

'2. Geografia da fabricação ou da indústria: estuda a criação de objetos úteis (ferramentas, maquinaria em geral, vestimentas, etc).

↓ Tanto Licci como Hidock Lobo zerbum buscando uma apoio numa teoria do sentido de zq̄o social - uma visão de inicituz. Discutit.

'3. Geografia comercial ou da circulação: é o estudo das trocas, meios de transporte e organização dos mercados' (pg.18, 4.º parág)

Comentário : A opinião do autor é a de que a classificação acima é a de especialistas em Geografia Econômica. A produção é estudada em duas unidades distintas (1. e 2.). Não cita a referência teórica correspondente.

pg.18/19 - desenvolvimento e subdesenvolvimento:

países 'desenvolvidos': 'Efetivamente, três foram os fatores que os levaram a ocupar esta posição: os recursos naturais em disponibilidade, os humanos e os tecnológicos'. (pg.19, 2.º parág.).

países 'subdesenvolvidos': 'Os demais países, por não possuírem um destes fatores, ou por dependerem política e economicamente - dos primeiros, permaneceram em uma economia tradicional, voltada para o fornecimento de matérias-primas e gêneros alimentícios, e são considerados 'subdesenvolvidos'. (pg.19, 3.º parág.).

Comentário: O autor baseia-se em Yves Lacoste do qual cita os elementos que, segundo esse autor, caracterizam o subdesenvolvimento.

Em relação aos autores anteriores propõe o estudo da natureza e valor da área econômica.

4) Geografia da Organização do Espaço.

Autor: MANUEL CORREIA DE ANDRADE

Obra: Geografia Econômica, : 'Na realidade, com o dinamismo que domina os estudos geográficos nos últimos anos, podemos afirmar que a Geografia é a ciência que estuda a organização do espaço - terrestre, organização que é o resultado tanto da ação de fatores naturais como humanos agindo conjuntamente'. (pg.18, 2.º parág.)

(...)

'Assim, a Geografia, lançando mão de conhecimento fornecidos por ciências afins, naturais, como a Geografia, a Pedologia, a Botânica, a Zoologia, a Biologia Geral, a Meteorologia etc., e humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a Economia e a História,

↓ Mec. de exploração.

procura descrever as formas visíveis de organização do espaço e de sua utilização pelo homem, explicando o porquê desta organização'. (pg.18, 3.º parág.). (o grifo é do original).

Comentário: A organização do espaço é definida como resultando da ação de fatores naturais e humanos. É portanto uma proposição que retoma os raciocínios de Dirceu Lino de Mattos e Pierre George - (que por sua vez tem origem no raciocínio de vários geógrafos que são citados nas bibliografias desses trabalhos). Afirma que se trata de descrever as formas visíveis da organização do espaço e de sua utilização explicando o porquê.

pg.19 - os enfoques diversos:

Geografia Geral ou Sistemática: é a que leva 'em conta a ação dos fatores físicos e humanos que participam desta elaboração (Nota: da organização do espaço), como se eles agissem separadamente, sem se interpenetrarem'. (pg.19, 1.º parág.)

Geografia Regional: 'se o faz selecionando determinada área fazendo um estudo global da ação dos vários fatores físicos e humanos na elaboração da organização do espaço'. (pg.19, 1.º parág.)

A Geografia Geral divide-se em Geografia Física, que estuda os fatores físicos e Geografia Humana, que estuda os fatores humanos. A denominação Geografia Humana é influência francesa. Os alemães denominam-na Geografia Cultural. Os norte-americanos e soviéticos - denominam-na Geografia Econômica. No Brasil fala-se em Geografia Humana de modo geral e em Geografia Econômica para os estudos de produção, circulação e consumo dos produtos na organização do espaço. (pg.20).

Comentário: Considera a Geografia Geral como o estudo isolado de fatores. (É o caso do trabalho de Dirceu Lino de Mattos).

O autor possui um trabalho de Geografia Econômica Regional (estudando o Nordeste) que é um bom exemplo do enfoque regional a partir de sua concepção.

O autor considera a Geografia Econômica como 'um enfoque econômico dos estudos de Geografia Humana'. (pg.20).

Raciocina também em termos de fatores mas de modo bem menos acentuado do que Dirceu Lino de Mattos e Pierre George. Contudo, sua proposição, em nível inicial, pode conduzir também, em Econometria e Geografia quantitativa, à análise fatorial.

pg.20 - grandes capítulos da Geografia Econômica:

'Geografia da População: preocupada, sobre tudo, com os problemas da distribuição geográfica da população, com as estruturas da população e com os movimentos internos e externos da mesma.

'Geografia Agrária: que descreve e interpreta os sistemas de cultura e de criação de animais, analisando como as diferentes espécies vegetais e animais se distribuem pela superfície da terra, quais as paisagens a que dão origem e as estruturas que condicionam.

'Geografia Industrial: em que se estuda a distribuição geográfica dos complexos industriais, as paisagens por eles geradas e as relações estabelecidas entre os mesmos e os mercados de matéria prima, de mão de obra e de consumo.

'Geografia dos Serviços: onde se estuda a distribuição e a organização dos serviços - comércio, transportes, educação, saúde, lazer - pelas várias áreas da superfície da Terra, interessando, sobre tudo, os seus aspectos urbanos de vez que os serviços estão - localizados principalmente nas cidades'. (pg.20, 1.º parág.)

Comentário: O autor estuda distribuição, estruturas, relações e localização. Em relação aos autores anteriores aparece o estudo de estruturas.

pg.21 - Geoeconomia: 'a Geoeconomia, campo intermediário entre a Geografia e a Ciência Econômica, que procura explicar a expansão da influência dos grandes grupos econômicos e dos países a eles ligados pela superfície da Terra'. (pg.21, 2º parág.)

Comentário: Segundo o autor a Geoeconomia estuda ou procura explicar a expansão da influência dos grandes grupos econômicos e dos países a eles ligados. De acordo com a sua proposição anterior essa influência deve ser avaliada pelos aspectos visíveis da organização do espaço, do contrário seria uma proposição de Geografia - Social ou mesmo sociológica.

A definição é bem diferente da de Dirceu Lino de Mattos que fala em 'interações entre o meio geográfico (Nota: natural) e as atividades econômicas'.

Comentário da Unidade I: - Não levando em consideração aqui os trabalhos de Geografia Econômica publicados sobre a forma de artigos e os trabalhos de Geografia que contem parcialmente uma abordagem de Geografia Econômica, os livros citados são os que foram realizados e publicados no Brasil. A Geografia dos Recursos, sob forma impressa, surgiu na década de 40, quando houve grande preocupação com o assunto. A Geografia da Produção e Circulação surgiu no Brasil com a tradução do livro de Pierre George, num momento em que começou a consolidar-se um mercado interno industrial, na década de 50. A Geografia do Desenvolvimento e do Subdesenvolvimento surgiu na década de 60 com a ideologia do 'desenvolvimentismo' e as críticas à situação de atraso de várias áreas do Globo. A Geografia da Organização do Espaço surgiu na década de 70 e seu aparecimento está relacionado com o fato contemporâneo da existência da intervenção do Estado na vida econômica nos países de economia de mercado e devido a existência das economias centrais planificadas dos países de economia socialista.

UNIDADE II: Espaço Geográfico

1. Formação: paisagem, meio, ecologia de uma situação

a. A lei mais geral da organização do espaço é a lei do desenvolvimento desigual. O desenvolvimento é desigual por que resulta de uma desigual combinação de fatores que interagem e

se equilibram formando paisagens geográficas diferenciadas.

b) A paisagem natural resulta de uma desigual combinação de fatôres físicos: geológicos, pedológicos, geomorfológicos, hidrográficos, bióticos e climáticos.

Por razões da Física, da Química e da Biologia a paisagem natural embora diferenciada apresenta unidades homogêneas. Isto significa que em uma dada extensão territorial há um equilíbrio ecológico natural resultado da história natural da Terra.

c) A paisagem cultural pode apresentar-se homogênea ou heterogênea. Ela é também o resultado de uma desigual combinação de fatôres humanos: econômicos, sociais, políticos e ideológicos. Além disso há a ação humana sobre a paisagem natural modificando-a e acentuando seu caráter homogêneo, quando ocorre uma adequação entre o meio natural e o meio cultural. A não transformação adequa da das condições naturais forma paisagens culturais heterogêneas. A paisagem cultural é modificada ou redefinida pelos próprios - grupos humanos.

d) O meio natural e o meio cultural formam o meio geográfico. O meio geográfico modifica-se no decorrer do tempo à medida em que se desenvolvem a produção, a circulação e o consumo dos grupos - humanos.

e) São razões de ecologia que provocam o aparecimento de paisa - gens diferenciadas, homogêneas ou heterogêneas.

i. o equilíbrio de uma situação dada é resultado de um processo;

ii. a atividade dos elementos de uma situação, modificando as re - lações entre os elementos dessa situação, provoca o aparecimento de uma nova relação de equilíbrio;

iii. a duração de uma situação de equilíbrio depende da natureza das relações entre os sêres entre si e o meio.

2. Estrutura: espaço de localização (sítio, situação, posição).

a) Sítio - A localização dos fenômenos naturais decorre das razões já expostas. A localização dos fenômenos de cultura e civilização tem contudo outra gênese. O ponto de partida é o 'habitat'. A necessidade do 'habitat' define para os grupos humanos a escolha do sítio. Sítio é o lugar que abriga efetivamente um grupo humano - pequeno ou grande.

A escolha do sítio ocorre de duas maneiras: através do povoamento (ocupação de um espaço vazio) ou da colonização (ocupação de um espaço vazio de modo planejado).

b) Situação - A situação decorre da escolha do sítio. Uma vez feita a escolha do lugar este passa a definir uma situação. Geralmente esta é referida ao conjunto físico ou cultural - que envolve o sítio.

c) Posição - A posição indica sempre uma relação entre duas ou mais unidades ou elementos do meio geográfico.

3. Estrutura: espaço de relações (verticais e horizontais).

a) Espaço de Relações - É o que se refere às articulações naturais ou culturais entre as unidades ou elementos do meio geográfico. As relações verticais são aquelas que se estabelecem verticalmente entre os elementos do meio cultural e as unidades naturais. As relações horizontais são aquelas que se estabelecem horizontalmente entre os elementos do meio cultural ou as unidades do meio natural.

b) A densidade e a intensidade das relações define uma hierarquia dos elementos de um dado meio geográfico.

4. Características: dispersão, concentração, continuidade, descontinuidade.

a) Dispersão e Descontinuidade: a dispersão e a descontinuidade de físicas caracterizam-se pela existência de 'vazios' naturais entre os elementos do meio geográfico. A dispersão e a descontinuidade culturais caracterizam-se pela existência de 'vazios' culturais entre os elementos do meio geográfico.

b) Concentração e Continuidade: a concentração e a continuidade físicas caracterizam-se pela não existência de 'vazios' naturais entre os elementos do meio geográfico. A concentração e a continuidade culturais caracterizam-se pela não existência de 'vazios' culturais entre os elementos do meio geográfico.

c) Alguns elementos do meio geográfico podem apresentar características opostas: dispersão e continuidade; concentração e descontinuidade, dependendo da escala.

5. Funções e Processos: polarização - centralidade, marginalização, descentralidade, homogeneização, uniformidade, heterogeneização - disparidade.

a) Polarização-Centralidade - A polarização é a capacidade de atração de um fenômeno do meio geográfico. O fenômeno com maior capacidade de atração é a cidade em consequência da existência e do tamanho do setor terciário. Neste caso ela mede-se pelo equipamento existente: comércio; serviços bancários e financeiros; serviços administrativos e de direção; serviços de consultoria e publicidade; serviços de educação; serviços de saúde; serviços de cultura e lazer. A polarização tem como decorrência a centralidade que é o poder de decisão dos centros. Os centros apresentam núcleos e periferias.

b) Marginalização-Descentralidade - A marginalização é a perda ou a inexistência da capacidade de atração de um fenômeno do meio geográfico. Tem como decorrência descentralidade.

c) Homogeneização-Uniformidade - É o processo de constituição de uma paisagem homogênea. Tem como decorrência a uniformidade.

d) Heterogeneização-Disparidade - É o processo de constituição de uma paisagem heterogênea. Tem como decorrência o surgimento de disparidades.

6. Significado: mudança espacial e consciência espacial.

a) Mudança Espacial - As funções e processos espaciais vistos anteriormente são os fenômenos responsáveis pela ocorrência da mudança espacial.

b) Consciência Espacial - A consciência espacial é a consciência do espaço geográfico como uma dimensão da realidade natural e humana; de sua formação, de sua estrutura, de suas funções e processos e da mudança espacial. Esta consciência é diversificada conforme o grupo humano viva em um espaço local, regional, nacional, internacional ou multinacional.

Bibliografia:

Dolfuss, Olivier - A análise geográfica, D.E.L., São Paulo, 1973.

_____. L'Espace Géographique, P.U.F., Paris, 1970
 George, Pierre - A geografia ativa, D.E.L., São Paulo, 1966
 Primeira Parte.

Rimbert, Silvie - Cartes et Graphiques, SEDES, Paris, 1964,
 Cap. II e III.

Diversos autores - Centralidade-Regionalização, IPGH, Rio de Janeiro, 1968.

Kaysen, Bernard - Le nouveau systeme des relations Villes-Campagnes
Problemes et Hypotheses a Propos de L'Amérique Latine, original datilografado, Toulouse, 1972.

UNIDADE III - O Espaço Econômico

a) Formação: O espaço econômico surge como resultado da atividade humana na busca e obtenção de recursos para satisfazer necessidades.

A simples busca e obtenção de recursos não constitui, contudo, o espaço econômico. É preciso que o recurso se defina como recurso econômico, isto é, quando potencialmente ou efetivamente pode o correr a inversão de trabalho na sua obtenção, criando bens e serviços.

É a criação de bens e serviços de modo permanente que define um sistema econômico. Esses bens e serviços são valores econômicos de uso e de troca.

b) Estrutura: Um espaço econômico define-se 'por relações econômicas estabelecidas entre elementos econômicos'. (Perroux, 1967, pg. 148) (O grifo é do original).

O espaço econômico é um espaço de relações objetivas mas não materiais. As relações materiais são as relações geográficas que expressam o espaço econômico na superfície da Terra.

O espaço econômico existe, assim, objetivamente, no espaço geográfico que lhe é a base material.] Imp.

Como decorrência estabelece-se que todo sistema econômico (ou toda a economia) possui uma base geográfica que lhe é própria. A distinção é importante porque os problemas de recursos, produção e circulação, desenvolvimento e subdesenvolvimento e organização do espaço colocam-se de modo diverso segundo o sistema econômico considerado.

c) Características: As principais características do espaço econômico são tender à reprodução equivalente e/ou à expansão, podendo contudo não efetivar-se esta expansão de maneira contínua no tempo.

O limite de expansão do espaço econômico é o espaço geográfico, podendo contudo ocorrer uma superposição de espaços econômicos.

d) Processos: Homogeneização econômica, que corresponde a um espaço no qual o sistema econômico apenas se reproduz de modo equivalente não correndo uma expansão da economia de modo qualitativo. Polarização econômica, que corresponde a um espaço no qual o sistema econômico está em expansão. Intervenção econômica, em que a reprodução ou a expansão estão orientadas e dirigidas por um programa econômico.

e) Tipologia: Três são os tipos de espaços econômicos já definidos: Espaço homogêneo - 'Corresponde a um espaço contínuo do qual as partes constituintes ou zonas apresentam características tão próximas quanto possível uma das outras'. (Boudeville, 1961, pp.8/9) (O grifo é do original).

Espaço polarizado - 'Define-se, ao contrário, como um espaço heterogêneo do qual as diversas partes são complementares e mantêm entre elas, especialmente com os polos dominantes, mais trocas do que com a região vizinha. É basicamente um lugar de trocas de bens e serviços cuja intensidade interna é superior em cada ponto à intensidade externa'. (Boudeville, 1961, pg.11).

Espaço de intervenção - É o espaço no qual se executa um programa para atender a um fim econômico dado. As áreas econômicas são definidas por um projeto.

Comentário - As definições procuram ater-se apenas aos processos espaciais. Os sistemas econômicos são reduzidos analiticamente a três tipos: a economia fechada e aos dois tipos contemporâneos de economias abertas: o capitalista e o socialista.

O espaço econômico é definido como um sistema de relações, sendo que a valorização da troca de bens e serviços põe em segundo plano o produtor e o consumidor.

Convém, desse modo, considerar a existência de:

- um espaço de produção, cuja característica geográfica é representada pela existência de unidades agro-pecuárias e extrativas, indústrias e de serviços que, através da atividade de produção representam elementos econômicos.

- um espaço de circulação cuja característica geográfica é representada pela existência de portos, aeroportos, estação, etc. e todos os elementos do sistema de comunicação, circulação e transportes, incluindo esse sistema, que, através da atividade de troca representam também elementos econômicos.

- um espaço de consumo, cuja característica geográfica é representada pela existência do conjunto de lugares que, através da atividade de consumo, representam também elementos econômicos.

Bibliografia:

Perroux, François - Les Espaces Économiques, E.A., 1950, pp. 225, 244.

_____ - A Economia do Século XX, Tradução de José Lebre de Freitas, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1967, Cap. I (O original é de 1964).

Boudeville, J.R. - Les Espaces Économiques, Presses Universitaires de France, Paris, 1961.

UNIDADE IV

Região Geográfica

a) Definição Operacional de Região: A região pode ser concebida como a unidade básica do espaço geográfico, dotada de organização e estrutura próprias e definidas. Ela pode ser compreendida como a parte do espaço geográfico que pode reunir certas características geológicas, geomorfológicas, pedológicas, hidrográficas, oceanográficas, climatéricas, de flora e de fauna e formas específicas de vida humana. Nesse sentido, ela constitui uma totalidade singular, apresentando a possibilidade de ser homogênea ou heterogênea em relação aos elementos que a constituem. O que parece importante acentuar é que ela se define segundo a maneira como estão organizados e estruturados esses elementos. Na medida em que a realidade natural e humana está em permanente modificação, as características de uma região poderão alterar-se sempre, sem contudo, necessariamente, desaparecer como unidade e totalidade singular, componente do espaço geográfico geral.

b) Evolução do Conceito: O conceito de região foi elaborado principalmente na França.

- Região Natural: a base para a elaboração do conceito de região surgiu a partir de considerações feitas sobre o 'pays' (cujo equivalente em italiano é o 'paese'), unidade regional natural e histórica; a partir daí, num momento seguinte, foi proposta a divisão de um país segundo suas bacias fluviais; das duas preocupações derivou o conceito de unidade ou individualidade geográfica devido a Reclus.

Em 1903 Vidal de La Blache definiu a existência de grandes unidades regionais como o Norte da França, cujo equivalente no Brasil seriam as grandes regiões como o Nordeste, por exemplo; abaixo das grandes unidades La Blache distinguiu regiões de tamanho médio, como o Maciço Central francês, cujo equivalente no Brasil seria, por exemplo, o Planalto Ocidental em São Paulo; abaixo das unidades médias distinguiu pequenas regiões como a Alsácia, a Borgonha etc., cujo equivalente no Brasil seriam as micro-nações homogêneas do IBGE; abaixo dessas reconheceu a existência do 'pays', identificando, por exemplo, uma região parisiense, cujo equivalente brasileiro seria o sentido urbano regional de ter nascido em uma cidade ou em uma região do campo de dimensões reduzidas.

Comentário: O conceito de região natural nasceu antes da revolução industrial. Ele privilegia a natureza e a história tradicional da organização do espaço agrário mesmo quando há a presença do comércio. Como abordagem metodológica permite a apreensão de aspectos da realidade que seriam impossíveis de constatar de uma outra perspectiva.

- Regional Nodal: em 1917 Vidal de La Blache propôs o conceito de região nodal para a região de Lyon na França, onde o desenvolvimento do comércio e da manufatura propunham novas questões de definição espacial. No entanto, trata-se de uma situação de transição na evolução do conceito. Diversos autores propuzeram a região como de inspiração humana sendo que uma mesma região podia abrigar duas regiões culturais. Cholley propôs uma divisão em regiões históricas (as antigas regiões), regiões urbanas e regiões econômicas (as modernas regiões). Emmanuel de Martonne, em 1958, propôs a região como 'a área de extensão de uma paisagem geográfica'.

Comentário: Nessa fase de transição nota-se uma preocupação ainda muito acentuada com a paisagem natural. A região nodal é o início da tentativa de redefinição da realidade regional, quando os fenômenos urbanos e industriais tornam-se presentes e decisivos.

- Região Cultural: as tentativas de definição de região levando em consideração os problemas decorrentes de uma sociedade industrial são recentes. Em 1942 Goblet mostrou o fenômeno da superposição de zonas industriais sobre regiões de economia tradicional. Em 1947 Jean Gottman propôs o estudo não da ecologia mas o da dinâmica - das coletividades. Baulig, em 1959, propôs a região como um quadro de pesquisa.

Pierre George, em 1959 também, propôs que 'a região geográfica define-se, em economia avançada, como a zona de irradiação e de estruturação espacial de uma cidade, a metrópole regional'. E. Juillard, em 1962, propôs o estudo dos espaços funcionais, heterogêneos mas coerentes sendo que em sua hierarquia a região é o último nível antes do nível nacional.

Comentário: Há um reconhecimento do fato industrial provocando superposições de espaços, fato esse que é dinâmico, irradia-se e estrutura o espaço definindo hierarquias e funções.

- Região de Intervenção: diversos autores propõem a intervenção no espaço definindo regiões que são objeto de programação econômica .
c) Tipologia Formal: do ponto de vista de uma tipologia formal as regiões foram definidas segundo suas características. São algumas delas as seguintes:

Elementar ou Simples: a região com predominância de uma única característica.

Complexa - a superposição de regiões simples.

Integral - um conjunto de regiões complexas.

Homogênea - que possui homogeneidade de suas características internas.

Total - a região que se define por uma associação de características interrelacionadas, naturais e sociais, escolhidas dentro de uma totalidade complexa.

Múltipla - a que é diferenciada na base de combinações ou associações de características segundo o grau dessas associações.

Polarizada - a que possui um centro polarizador.

Plano - aquela sobre a qual recai um projeto conscientemente elaborado de organização do espaço.

Comentário - Todas as definições, embora formais, são operacionais, baseando-se na existência de características notadas no estudo da organização do espaço.

d) Tipologia Não Formal:

Região Homogênea - é a região que corresponde a uma situação de isolamento, baseada numa economia fechada.

Região Marginalizada - é a região que adquire essa característica em relação a uma economia aberta em expansão que lhe seja próxima.

Região Periférica - é a região que se encontra na periferia de uma economia aberta e em expansão.

Região Polarizada - é a região que possui um centro polarizador - que atrai para si as atividades e se expande.

Região Heterogênea - é a região que abrange todas as anteriores.

Comentário: Nas regiões acima citadas ocorrem fenômenos de uniformidade, descentralidade, centralidade e disparidade, conforme já se viu anteriormente. O limite de evolução de uma região heterogênea é a região plano.

Bibliografia:

23

- Whittlesey, Derwent - O Conceito Regional e o Método Regional, American Geography Inventory and Prospect, Ass. Am. Geogr., Syracuse Univ. Press, 1954, pp. 19-69.
- Guimarães, Fábio de M.S. - 'O Conceito Regional' in Observações sobre o Problema da Divisão Regional, Rev. Bras. de Geogr., n.3, 1963 pp.289-311.
- Juillard, Étienne - A Região: Tentativa de Definição, Boletim Geográfico n. 185, 1965.
- Kayser, Bernard - As Divisões do Espaço Geográfico nos Países Subdesenvolvidos, Annales de Géographie, n.412, Paris, 1966.
- Colóquio de Lyon - A Região, Lyon, 1962.
- Berry, Brian J.L. - Abordagem à Análise Regional, Uma Síntese, IPGH Rio de Janeiro, 1969.
- Correia de Andrade, M. - Espaço, Polarização e Desenvolvimento, Ed. Brasiliense, S.Paulo, 1973.
- Claval, P. et Juillard, E. - Région et Régionalisation dans d'autres Sciences Sociales, Librairie Dalloz, Paris, 1967.
- Bonetti, Eliseo - 'A Teoria das Localidades Centrais, Segundo W. Christaller e A. Losch' in Centralidade - Regionalização, IPGH, Rio de Janeiro, 1968.
- Muller, Nice L. - O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba - São Paulo, IBGE, 1969.
- Goldenstein, L. - A Industrialização da Baixada Santista, IG da USP, São Paulo, 1972.

UNIDADE V - Região Econômica

a) O ponto de partida: a preocupação com a região econômica surgiu com economistas e geógrafos alemães. Foi, desde o início, uma preocupação mais com a localização do que com a região. Desse modo o problema dos fluxos era o ponto de partida para a definição regional.

b) Na França: um dos primeiros a chamar a atenção para o fenômeno regional de um ponto de vista econômico foi o geógrafo Lucien Brocard em trabalho anterior à 2a. guerra mundial; dizia ele: 'abordar o problema da colaboração humana através do estudo da colaboração internacional é querer construir o edifício começando-o pelo teto ou pelo último estágio. Abordar o problema pelo estudo da colaboração nacional, como o fizeram até aqui os teóricos da economia nacional, é construí-lo pelo último estágio. Nosso método - consiste em começar pelas fundações, isto é pela economia regional e local'. (Claval, 1967, pg.22). Pierre Blanchet e René Gendarme seguiram a orientação de Brocard no início da década de 50.

c) Nos Estados Unidos: Foi o geógrafo Derwent Whittlesey o responsável por uma tentativa geral de síntese. Falando dos franceses dizia o seguinte: 'Mostrando que não existia sistema de divisão regional universal, sublinhando a diferença entre as divisões em regiões homogêneas e as regiões funcionais os geógrafos desse grupo fizeram um progresso considerável ao pensamento regional'. (Claval, 1967, pg. 23)

d) Francois Perroux: em 1950 Perroux definiu o espaço econômico como consistindo em relações econômicas entre elementos econômicos, como já foi visto anteriormente. Mas, quem fez a síntese entre o pensamento norte-americano e o francês foi Boudeville, em 1961.

'Ele mostra como as regiões homogêneas surgem geralmente da análise dos espaços concretos, como as regiões funcionais se situam ao nível dos espaços econômicos abstratos. Ele mostra igualmente como as regiões funcionais são agrupadas em torno de lugares centrais de função terciária'. (Claval, 1967, pp.23/24).

e) Boudeville: 'É conveniente comparar os três tipos de regiões: região homogênea de inspiração agrícola, região polarizada de inspiração industrial e comercial e região-plano de inspiração prospectiva. As duas primeiras são instrumentos estáticos de análise colocados à disposição da terceira que baseia-se na empresa que busca tornar máximo o número de clientes submetidos a um proveito mínimo, ou da que baseia-se na autoridade pública buscando um crescimento harmônico dos diversos recursos regionais e nacionais'. (Boudeville, 1961, pg.17).

f) Os limites regionais: 'O problema do estabelecimento de fronteiras para as regiões homogêneas, as regiões polarizadas e as regiões-programa é um problema complexo. Com efeito, os dados regionais são reunidos por unidades administrativas e esses agrupamentos políticos não coincidem com as diferenciações e organizações econômicas'. (Boudeville, 1961, pp.20,21)

'As fronteiras das regiões naturais ou geográficas serão estabelecidas em função de índices agrupando a natureza do solo, o clima e a hidrografia. As fronteiras das regiões agrícolas fundar-se-ão em índices indicando a natureza da produção, os modos de cultura e os tipos de propriedade. Enfim, as fronteiras das regiões econômicas homogêneas serão determinadas pela uniformidade do maior número possível de características entre as quais poderão figurar: a renda por habitante, o grau de industrialização e o grau de alfabetização'. (Boudeville, 1961, pg. 21).

'Para determinar as fronteiras das regiões polarizadas, não é mais o critério de homogeneidade, mas um critério funcional que é utilizado. É conveniente, com efeito, traçar os contornos das regiões integradas, isto é, interiormente interdependentes. Esta integração se efetua de fato em torno de um polo. É preciso então determinar os polos, suas esferas de influência e sua hierarquia' (Boudeville, 1961, pp.22/23.)

'A região-plano é, por natureza, um modelo de decisão no qual intervem a noção de espaço sob suas duas formas: efeito de preço - (custo de transporte e custo de produção) e efeito de renda (multiplicador e efeito de aglomeração ou polarização). '(Boudeville, 1961, pg. 24).

g) Crítica à Boudeville: a crítica ao espaço polarizado foi feita por Maurice Flamant que argumentou com o fato de que 'as economias externas revelam-se fundamentais para compreender certos efeitos de polarização. Ele desmistifica a teoria do crescimento polarizado: falar de polo, é colocar o acento nas desigualdades fundamentais no crescimento e no espaço, mas é igualmente atribuir à grande cidade ou à grande empresa uma importância injustificada na geração das economias externas'. (Claval, 1967, pg.27).

h) Comentário: A teoria de Boudeville é uma teoria de organização do espaço que se baseia na existência de uma realidade na qual os Estados e as grandes empresas possuem uma grande força de influência regional, nacional e internacional; nesse sentido é um instrumento útil para a compreensão de certos fenômenos atuais do espaço. Sua limitação é a impossibilidade de explicar os fenômenos de isolamento e marginalização. (e regimes?)

i) A definição de Krizan: propõe que 'a região econômica é somente uma parte da complexidade regional que é, ao mesmo tempo, parte de um território nacional, parte de uma economia nacional e parte da sociedade. Assim a região econômica é uma parte do sistema social dentro de um certo território. Por essa razão, a região é antes de tudo parte de um espaço geográfico'. (Krizan, 1968, pp. 271/275).

j) Comentário: partindo de um pressuposto não funcional o autor tenta uma definição de região econômica como parte de um sistema social dentro de um território. Não reduz a complexidade regional apenas ao aspecto econômico. Pode-se definir assim uma hierarquia na qual a região econômica é parte da região cultural que possui uma base natural.

Bibliografia:

Além dos textos já citados veja-se:

Krizan, Michal - 'The Concept of the Economic Region' in Function and Forming of Regions, Acta Geographica, Economico - Geographica n. 8, Bratislava, 1968.

UNIDADE VI - A Teoria da Localização

a) O Problema: 'La teoria de localización de la empresa se ha desarrollado en un contexto de mercado libre. En los últimos años se ha dirigido la tención hacia un desarrollo regional a nivel nacional. Cada vez más, el problema de la localización de una fábrica se está considerando como un 'proyecto' de un órgano gubernamental más que como una aventura para obtener beneficios de una corporación privada. Está claro que mientras la decisión sea sobre cómo maximizar los rendimientos del proyecto, el hecho de que quienes tomen la decisión pertenezcan a una institución pública o privada no

significa nada. Pero la teoría no considera casi los costes y beneficios de un proyecto particular. La economía regional se intereresa por los efectos externos o multiplicadores que se dan dentro de la región, y la planificación regional a nivel nacional por los efectos que se dan entre las regiones. En este sentido, la teoría de la localización de la empresa abarca la planificación del proyecto, pero concede más importancia a la planificación espacial regional y nacional'. (Alonso, 1972, pp.303/304).

Comentário: Em economias centrais planificadas a localização da empresa é definida pelo planejamento global. O caso brasileiro caracteriza-se como uma forma de intervenção estatal em que, vés de incentivos e de organização de uma infra-estrutura (usinas de eletricidade, estradas, escolas etc.) criam-se condições para o desenvolvimento.

b) Teóricos: um dos primeiros a tratar do problema foi J.H. von Thunen (1826); Alfred Weber realizou trabalhos monográficos (1909) Tord Palander publicou um estudo a respeito (1935); Edgar M. Hoover realizou trabalho nos Estados Unidos (1937); Augusto Losch possui um tratado sobre o assunto (1940); Walter Isard publicou seu trabalho principal também nos Estados Unidos (1956); no Brasil há o trabalho de Fernando de Oliveira Mota (1968).

Comentário: Todos são economistas e alguns deles limitam-se à teoria do equilíbrio. Tord Palander e Fernando de Oliveira Mota também abordam problemas de desenvolvimento econômico.

c) A Teoria: trabalha com lucro, no caso da empresa considera isoladamente; com custos, nos casos de um conjunto de empresas ou de unidades estatais; aborda problemas referentes a lucro a curto prazo e a prazo longos, custos comparativos (transportes, força-de-trabalho, tecnologia, energia, matérias-primas etc.) e áreas de mercado.

Comentário: A teoria da localização visa responder a duas perguntas: 'Onde?' e 'Porque em tal lugar?'.
Com a evolução dos sistemas econômicos ou a mudança estrutural nos sistemas as respostas têm variado no tempo. Com elas tem se preocupado geógrafos e economistas.

- a sociedade agrária: numa sociedade agrária, cuja tecnologia é pouco desenvolvida, a localização das atividades econômicas é determinada pelas condições naturais; quando a tecnologia é desen-

volvida, algumas determinações do meio natural são controladas ou alteradas por processos de adequação ecológica ou de modificação radical da paisagem natural.

- a sociedade industrial: numa sociedade industrial, cuja tecnologia é naturalmente desenvolvida, a localização das atividades econômicas não tem muitas limitações de caráter natural; quando estas ocorrem são indiretas e estão relacionadas aos fornecimentos de matérias-primas, energia, condições de circulação etc.; as limitações que podem surgir dependem de fatores humanos.

- indústrias e localização: a problemática da localização surgiu, por isso, das necessidades da indústria e de sua evolução em relação aos sistemas econômicos; como a indústria não vive isolada no meio geográfico (natural e cultural) propõe-se, em cada momento, a questão de suas relações com o campo e as cidades.

d) A Abordagem Geográfica: Os geógrafos não têm abordado o problema da localização da mesma maneira que os economistas. Embora o espaço de localização e o espaço de relações tenham sido estudados desde os inícios da Geografia, só recentemente alguma teoria geográfica começou a esboçar-se. Algumas dessas abordagens são as seguintes:

- Pierre George: o autor considera que 'no âmbito mundial, a distribuição das indústrias procede de fatores históricos' (George, op. cit., pg.70); depois de realizadas as condições gerais da industrialização o autor examina o problema ao nível regional afirmando que 'de modo geral, a localização de um estabelecimento industrial ou de um conjunto de indústrias se explica pela procura dos melhores preços de custo' (pg.71), admitindo situações excepcionais de localização que fogem a esta regra; nos preços de custo inclui custo da energia, das matérias-primas, dos transportes, da mão-de-obra, taxa de juros, acesso aos mercados (pg.71); argumenta com o fato de que 'a indústria atrai a indústria' (pg. 73), sendo que 'as indústrias leves são mais indiferentes às condições naturais' (pg. 73); afirma ainda que 'uma inovação técnica pode criar novas condições de localização industrial' (pg. 74).

Comentário: É uma abordagem que, relacionada ao nível regional, mostra a problemática regional sob o efeito da industrialização.

- Erich Otremba: o autor preocupa-se com as leis próprias de organização do espaço econômico industrial; propõe, inicialmente ; um modelo, baseado na consideração de dois fenômenos: concentração e dispersão; a) supõe a abstração das diferenças do meio e a igualdade na distribuição dos fatores; b) o local de produção - (por consequência da divisão do trabalho) concentra-se, criando as condições de mercado em torno do qual se organiza o espaço; c) o consumo relaciona-se à distância e ao transporte, o que define a localização de muitas empresas; em seguida critica as deficiências de uma tal proposição: a localização surge como adequação entre lugar de produção e lugar de consumo, tendo que levar em consideração o lugar de ocorrência da matéria-prima e o transporte; conclui afirmando que a localização depende de um complexo de fatores Otremba 1955, pp. 282/285); em seguida considera o assunto do ângulo da intensidade afirmando que não existem leis válidas no que se refere à intensidade do fenômeno industrial na organização do espaço; argumenta com a intensidade do trabalho e a intensidade do capital e conclui dizendo que as áreas de intensidade de vários centros industriais superpõem-se no espaço (pp. - 285/286); sobre as teorias econômicas diz que não levam em consideração as diferenças do meio natural; 'Para la determinación del lugar industrial de emplazamiento y para el conocimiento de las leyes vigentes en el lugar dado de emplazamiento, la teoría económica e industrial constituyen importantes puentes para llegar a una comprensión; pero no deben inducir al error de pretender construir sistemas geográficos basándose en procesos industriales económicos ' (pg. 287).

Comentário: O autor escreveu um grande trabalho de Geografia Agrária e Industrial. Sua orientação teórica retém influência do pensamento de Max Weber. Embora trate o problema ao nível regional e das estruturas espaciais não chega a dar uma solução satisfatória para os problemas de organização do espaço ao nível da localização.

- Estall e Buchanan: os autores raciocinam em termos de 'custos de transferência' que é uma noção mais ampla do que custos de transporte; consideram o fornecimento de energia, mão-de-obra, capital, empresa e administração, atividade governamental, servi

ços, propaganda, tributação, água, clima, escala de produção e lideranças (Estall e Buchanan, 1965, pp. 15/178).

Comentário: É um trabalho mais completo do que os anteriores no que diz respeito à localização. Mostram a necessidade da consideração de vários fatores, mas não acentuam, o problema regional. Embora haja uma generalização a teoria é válida apenas para uma parcela das empresas e alguns tipos de Estado.

Bibliografia:

Schumacher, Hermann - 'Location of Industry' in Encyclopaedia of the Social Sciences, The MacMillan Company, New York, 1967, pp. 585, 592.

McCarty, H.H. & Lindberg, J.B. - A Preface to Economic Geography, Prentice-Hall, Inc., New Jersey, 1966, pp. 182/203.

Chisholm, Michael - Geografía y Economía, Barcelona, 1969, pg.45 85.

Alonso, W. - 'Teoría de la Localización' in Needlemen, L., Análisis Regional, Ed. Tecnos, Madrid, 1972, pp. 303/329.

Mota, F. de O. - Manual de Localização Industrial, Apec Ed. Rio de Janeiro, 1968.

George, Pierre - Geografia Econômica, op. cit, pp. 70/75.

Otembra, E. - Geografia General Agraria e Industrial, Ed. Omega, Barcelona, 1955.

Estall, R.C. & Buchanan, R.O. - Atividade Industrial e Geografia Econômica, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1965.

UNIDADE VII - Teoria da Organização do Espaço

a) Proposição: A teoria da localização deve ser considerada como parte da teoria da organização do espaço. O ponto de convergência de ambas é a região.

b) Objetivo: Três são os objetivos dos estudos de organização do espaço:

- o estudo da organização do espaço no passado para compreender essa organização e os problemas que lhe são próprios;

- o estudo da organização do espaço no presente para a definição de regiões geográficas e econômicas para fins e necessidades de investigação geográfica ou econômica;
- o estudo da organização do espaço na perspectiva do futuro para fins de planejamento e administração.

c) Base da regionalização: Vem formando-se um consenso no sentido de que a regionalização deve considerar pelo menos dois tipos de regiões: as homogêneas e as polarizadas ou funcionais:

Bibliografia:

Dziewonski, K, Leszczycki, S., Otembra, E., Wróbel, A. - 'Examen de Conceptos y Teorías de Regionalización Económica' in Centralidade Regionalização, IPGH, Rio de Janeiro, 1968.

Waibel, Leo - A Teoria da von Thunen sobre a Influência da Distância do Mercado Relativamente à Utilização da Terra, Revista Brasileira de Geografia, Ano X, n.1, Rio de Janeiro, 1948.

Carvalho Ferreira, C.M. de - Um Estudo de Regionalização do Estado de Minas Gerais por meio de um Modelo Potencial, CEDPLAR, Belo Horizonte, 1971.

Nota: A bibliografia indicada nesta apostila é acessória e visa dar ao aluno condição de aprofundar o estudo dos assuntos tratados durante o curso.

Peulista 1106 = J. Andr.

R. de prod. - 2 ideias de merc.

AT → aprop. de mt. →

Ag.

CURSO ~~ANALISE~~

for. prod.

← div. de trib.

AUDIT -

{ div. do trib. rel. de prod. exist. do merc.

Grupo 1 = 2) Toda transformação de mt. primz. (prod. mt. e transformação). chamar de def. o conceito de ~~atm~~ fatores de produção ex. chamar. O conceito de mec. abordagem ecológica Escola de Chicago.

Indústria: forma específica de apropriação de mt. e z através historicamente no capitalismo.

Tipos de Indústria - Indústria dinâmica e tradicional. 2 mais forte.

Industrialização = processo social =

Geo. das Indústrias e Soc. econômica - o prob. do planejamento.

Grupo 2 - atividade de transformação - def. format.

Grupo 3 - 2 ideias de transformação e de mec.

Grupo 4 - mais crítico